

CONVERSA COM MARCELO JACQUES DE MORAES SOBRE TRADUÇÃO LITERÁRIA

POESIA, TRADUÇÃO, EDIÇÃO

Marcelo Jacques de Moraes* Walter Carlos Costa**

Marcelo Jacques de Moraes representa o melhor perfil do corpo docente das universidades federais brasileiras. Ele pratica o tripé “ensino, pesquisa e extensão” e contribui fortemente para que o lema “universidade pública, gratuita e de qualidade” seja uma realidade cotidiana. Cabe acrescentar ainda as atividades de gestão acadêmica, que tem desempenhado, de forma complementar, ao longo de sua carreira, e que inclui os pesados, e cruciais, encargos de chefe de departamento, coordenador de curso e coordenador de programa de pós-graduação. Como alguns de nossos intelectuais mais criativos (Antonio Candido, Celso Furtado, Paulo Freire), Marcelo tem uma graduação diferente da especialidade onde floresceu: fez psicologia antes de se encontrar em Letras, onde fez mestrado, doutorado e três pós-doutorados. Essa primeira formação (aprofundada na psicanálise e na filosofia) marcaria seu enfoque pessoal da literatura. Nela, encontraria seu caminho na poesia, na tradução e na edição. A paixão por Baudelaire, a quem dedicou o mestrado e o doutorado, se transformaria em paixão pela poesia francesa, sobretudo contemporânea, e pela tradução, sobretudo pela tradução poética. Nesta entrevista, Marcelo narra e comenta algumas etapas de sua rica carreira universitária: seus anos de formação na UERJ e na UFRJ, a fortuna crítica de Baudelaire no Brasil, as traduções baudelairianas no âmbito lusófono, as relações entre poesia e pensamento, sua relação com a psicanálise, o estrangeiro e o estranho, sua experiência como coordenador de pós-graduação, como orientador, como professor e pesquisador na França, como editor da *Alea*, que ajudou a transformar em um periódico de excelência, sua produção tradutória e, finalmente, sobre seus planos para a Editora da UFRJ, cuja direção assumiu no ano passado. (Walter Carlos Costa)

Como se deu a passagem da graduação em Psicologia ao mestrado e doutorado sobre Baudelaire?

Marcelo. Entrei para a Faculdade de Psicologia no início dos anos 1980. Interessava-me cada vez mais pela psicanálise – que me levava a escolher o curso – e muito particularmente pelo debate que ela suscitava na França desde os anos 1960, que chegava a nós pelos livreiros que circulavam pelos corredores da UERJ, onde eu estudava. Lacan, Deleuze, Guattari, Foucault, Althusser, Derrida, Bataille, Artaud, Barthes... Passei a participar cada vez mais de grupos de leitura em torno dos “franceses”, onde frequentemente desempenhava o papel de tradutor, já que muitos desses autores apenas começavam a ser traduzidos no Brasil. Paralelamente eu cursava a Aliança Francesa, fazia o curso de literatura, e foi ali que descobri que que minhas leituras em torno da psicanálise e da filosofia funcionavam como um produtivo dispositivo deflagrador de interpretações das obras estudadas. Foi também por essa época que descobri a poesia de Baudelaire. Desde então uma série de encontros pessoais e de circunstâncias mais ou menos fortuitas foram dando consistência a essa deriva para os estudos literários, que se consolidou especialmente quando, em 1992, pouco antes de concluir minha dissertação de mestrado em

*Entrevistado, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pesquisador do CNPq. Doutorado em Letras Latinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mjdemoraes@gmail.com.

**Entrevistador, Professor Titular aposentado da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professor da POET (Pós-Graduação em Estudos da Tradução), da Universidade Federal do Ceará (UFC), Pesquisador do CNPq. Doutorado em Inglês, University of Birmingham, Reino Unido. Fortaleza, Brasil, walter.costa@gmail.com.

literatura francesa na UFRJ, me tornei professor substituto de língua e literatura francesa na UFRJ.

Como você considera a recepção de Baudelaire no Brasil em relação à recepção de Baudelaire na França e nos países de língua francesa?

Considero que a leitura de Baudelaire – e da poesia francesa em geral – no Brasil é de muito boa qualidade, e minha experiência pessoal é de que ela frequentemente surpreende os próprios franceses, especialmente pela força de reflexão teórica que a perpassa. Para ser bastante sintético, vejo dois aspectos que estão na base dessa força: de um lado, a significativa presença do pós-estruturalismo entre nós, que influenciou bastante a formação em Letras desde os anos 1970/1980, dando-lhe forte inflexão teórica, especialmente em torno dos estudos de literatura francesa, que, na França, acabam sendo excessivamente condicionados por questões de historiografia literária; de outro, mais especificamente em relação a Baudelaire, o interesse despertado entre nós pela obra de Walter Benjamin, que, incessantemente relida, renova também incessantemente a recepção da obra do poeta. Para dar um exemplo a meu ver significativo (um pouco cabotinamente já que estou diretamente envolvido no projeto por vários vieses), os dois volumes da revista *Alea* que reúnem os trabalhos apresentados em 2007 em evento sobre os 150 anos das *Flores do mal*.

Como você explica a exclusão de Baudelaire entre os vanguardistas brasileiros (dos modernistas à poesia concreta)?

Eu tenderia a responder a essas duas questões por uma via que pode ser polêmica e problemática, e que não é, aliás, sem relação com a resposta à pergunta anterior: creio que a força da poesia de Baudelaire foi muito mais aproveitada, digamos assim, por seu potencial pensante, reflexivo, do que propriamente por sua dimensão formal. Ainda que saibamos que a tensão entre poesia e prosa que sua obra veio encenar e, definitivamente, legitimar tenha sido determinante para as experimentações formais que marcaram as vanguardas francesas – as quais marcaram, por sua vez, as brasileiras.

Como você vê as traduções de Baudelaire para o português brasileiro? Há diferenças com outras traduções para a língua portuguesa (Portugal e países de expressão portuguesa da África e Ásia?). Da obra de Baudelaire o que você acha que deveria ser traduzido ou retraduzido atualmente?

Creio que a grande contribuição das traduções brasileiras de Baudelaire para a leitura de sua obra em português está no fato de serem várias e de se escalonarem no tempo. Tanto das *Flores do mal* quando do *Spleen de Paris*. Elas apresentam, assim, diferentes soluções quanto ao tom, ao vocabulário, ao enredo formal da obra. E nisso acabam constituindo um leque de referências bastante útil, cheio de nuances, para o leitor e para o pesquisador. Não conheço tanto, a não ser episodicamente, as traduções de outros países de língua portuguesa, mas não se pode ignorar a tradução de Maria Gabriela Llansol, que é uma releitura bastante livre das *Flores*.

Resta que faltam edições mais cuidadosas dos ensaios críticos do poeta sobre arte e a literatura. A maioria deles têm apenas pequenas tiragens, que se esgotam rapidamente, em edições econômicas e desprovidas também de aparato paratextual e crítico. E falta, especialmente, a meu ver, depois de tantos esforços de retradução das *Flores*, uma tradução semântica (como se tem em espanhol e italiano, por exemplo, para referir outras línguas neolatinas), que ajudaria o leitor e pesquisador que não domina a língua francesa a compreender aspectos fundamentais do original que muitas vezes se perdem no esforço de transposição da forma fixa.

Na poesia do século XIX, você privilegia Baudelaire e Mallarmé. Como você considera outros poetas importantes do período, como Paul Verlaine, Jules Laforgue e Tristan Corbière (estes dois últimos caros a T.S. Eliot e Ezra Pound)?

Acho que meu investimento – não maior, mas antes, eu diria, mais sistemático – por autores como Baudelaire e Mallarmé tem a ver especialmente com meu interesse pelas relações entre poesia e pensamento, que a obra deles explicita ainda pela força do ensaísmo que também as marca. Aliás, meu trabalho de pesquisa incide fortemente sobre poetas que transitam também – frequentemente no limite do indiscernível – pelo “gênero” ensaístico. De resto, não me parece que seja por acaso que suas obras – mais do que a de vários de seus contemporâneos – tenham sido tão

intensamente retomadas na França a partir dos anos 1960 – e até os dias de hoje. E não apenas por críticos. Leiam-se, nesse sentido, poetas tão diferentes entre si quanto Michel Deguy, Pierre Alferi, Jean-Michel Maulpoix ou Christian Prigent.

Qual o peso dos estudos baudelairianos brasileiros no cenário internacional?

Creio que, institucionalmente, nenhum. Especialmente no âmbito das humanidades, o peso de estudos brasileiros no cenário internacional me parece ainda insignificante. Ainda que, como eu dizia antes, haja aqui e ali um reconhecimento entre pares, mas que permanece ainda ligado às relações pessoais de trabalho.

Você poderia comentar suas experiências de pós-doutorado: duas em Paris e uma na Unicamp?

A experiência de pós-doutorado é fundamental para o trabalho de um docente, não somente no âmbito do fôlego da pesquisa individual (pois permite dedicar-se de maneira concentrada, sem as obrigações administrativas e de ensino), mas também no âmbito da construção e da consolidação de laços interinstitucionais, que beneficiam a instituição como um todo.

No meu caso, foram três experiências espaçadas no tempo. A primeira, junto a Paris 8, em 2003, foi de fato minha primeira estadia no exterior como pesquisador. Minha geração não teve tantas oportunidades de estágios no exterior ao longo da formação acadêmica, e concluí meu doutorado, em 1996, sobre Baudelaire, sem ter tido nenhuma experiência de estudos ou pesquisa na França. Os seis meses que então passei foram fundamentais para conhecer o funcionamento das universidades e bibliotecas francesas, além de instituições abertas como o Collège de France, o Collège Internacional de Philosophie ou a École de Hautes Études en Sciences Sociales. Essa primeira experiência foi decisiva não apenas para o meu trabalho de pesquisa, mas para minha atuação junto à UFRJ no sentido de criar estratégias para estimular a internacionalização. A segunda experiência, em 2010, junto a Paris 7, já foi no âmbito de um projeto CAPES-Cofecub, que envolvia outras universidades brasileiras e francesas. Nesse momento, o estágio no exterior já envolvia maior institucionalização, com trabalho em rede e convívio mais horizontal com outros pesquisadores, participação em eventos coorganizados, uma maior atuação em nível de intercâmbio, para além do trabalho de pesquisa individual. Minha terceira experiência de pós-doutorado, junto à Unicamp, em 2015, foi, antes de mais nada, um momento de organização do trabalho de pesquisa de anos, com a preparação de livros e traduções.

Como foi a sua elaboração do memorial de titular? Foi uma ocasião para pensar sua inserção na universidade brasileira?

O interesse do memorial para a titularidade, que fiz em 2015, foi o de rever um pouco minha própria trajetória, tentar entender os percalços, os avanços, os impasses, e sistematizar uma visão crítica do trabalho em uma universidade pública, um trabalho voltado para o ensino, a pesquisa, a formação de professores e pesquisadores, e que envolve cotidianamente a relação com o outro. Tomo a liberdade aqui de citar os últimos parágrafos do meu memorial:

“Minha intenção neste Memorial foi apreciar as diversas ramificações específicas que constituíram meu percurso acadêmico pessoal em termos de formação, atuação docente e pesquisa, e, ao mesmo tempo, esboçar, a partir dessas ramificações, uma visão crítica da instituição que me permitiu construir esse percurso – razão pela qual não posso deixar de acreditar nela – e também, aqui e ali, de passagem, da própria área de Letras como um todo.

Tentando encontrar, para concluir, uma imagem sintética, creio que o que reconheço como traço fundamental a nortear todo o meu percurso é um interesse mais ou menos difuso pelo estrangeiro – pelo estranho. Talvez tenha sido por isso que a psicanálise – que não deixa de se autoproclamar como uma espécie de ciência do estranho – se manteve para mim como uma referência teórica de fundo; que minha deriva para os estudos literários foi mediada pelo fascínio por uma literatura em língua estrangeira; que, mais do que isso, acabei me vendo escolher trabalhar no cotidiano entre duas línguas; e que, acima de tudo, entre idas e vindas, retornei constantemente ao trabalho em torno da poesia e da tradução – que estão sempre, de algum modo, cada uma a seu modo, redescobrimo a estranheza da língua, tornando a língua estrangeira a si mesma, e abrindo, por essa via, novos horizontes de leitura do mundo. E de fato, especialmente no trabalho de ensino e de orientação – que é, aos meus olhos, o que acaba dando a dimensão mais concreta e mais

cotidiana à nossa incontornável função social e política –, não vejo como despertar o entusiasmo e o senso crítico necessários à formação de um professor e/ou pesquisador a não ser fomentando o distanciamento, a alteridade – o estranhamento – em relação ao sentido do próprio.

Por tudo isso, finalmente, creio que jamais acreditei realmente no sentido da especialidade. Aliás, mesmo hoje, apesar dos mais de 20 anos de trabalho na UFRJ, não deixo de estranhar quando me vejo reconhecido como professor de literatura francesa. E certamente estranharei ainda mais se, como tal, eu for alçado à condição da titularidade. Não tenho dúvidas de que, inevitavelmente, continuarei procurando forçar a porta ao lado.”

Como foi a sua experiência como coordenador da Pós-Graduação em Letras Neolatinas?

Para mim, pessoalmente, foi extremamente importante. Defendi minha tese de doutorado em 1996, em 1998, entrei para o corpo docente do Programa e em 1999 me tornava pela primeira vez coordenador. A Faculdade de Letras da UFRJ tinha (e continua a ter) seis programas de pós-graduação, e ali comecei a construir uma visão crítica em relação às grades disciplinares e às fronteiras institucionais (a tradição departamental e setorial, em especial) que dificultavam e dificultam a livre associação de trabalho entre docentes e discentes com inserções institucionais diferentes. Fiquei até o fim de 2002, e voltei à coordenação entre 2003 e 2006 (alternando como vice). Tive mais derrotas do que vitórias; a Faculdade de Letras continua internamente fragmentada entre departamentos, setores e programas, ainda com dificuldades para abrir-se para interações com outras unidades. Entre as vitórias, a mais especial foi a fundação da revista *Alea: Estudos Neolatinos*, a primeira da área de Letras a entrar para o portal da Scielo. Fundada em 1999, a revista foi A1 desde o primeiro Qualis Capes, e não teve sequer uma interrupção desde então, publicando, atualmente, três volumes por ano.

Como tem sido sua experiência de orientador na pós-graduação?

A área de estudos literários franceses do Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas, em que atuo desde 1998, sempre foi pequena, mas com a perda de prestígio da língua e da cultura francesa no panorama geral das Letras, aliada à dificuldade de mudar o regulamento do Programa (que, até 2018, manteve o ingresso do estudante condicionado ao domínio do francês escrito e falado), ela se reduziu ainda mais. Assim, pelo tempo de atuação na pós-graduação – já se vão mais de 20 anos – tive, proporcionalmente, poucos orientandos (13 dissertações de mestrado e 11 de teses de doutorado concluídas). Mas o trabalho em pequenos grupos também tem suas vantagens, implicando muita interação e proximidade com os estudantes, e me ajudou bastante a desenvolver meus próprios projetos de pesquisa. Desde 2017, atuo também como docente permanente junto ao Programa de Ciência da Literatura da UFRJ, que tem um corpo discente bem maior e um escopo de pesquisa mais amplo, o que tem sido bastante estimulante por abrir outros horizontes de interação e de pesquisa.

Você tem ido regularmente à França. Como tem sido a sua experiência com os colegas e alunos na universidade francesa e no CITL – Collège international des traducteurs littéraires, de Arles?

O CITL é um lugar incrível. Trata-se de uma residência para tradutores literários franceses e estrangeiros (que traduzem do francês). Estive lá pela primeira vez em 2007, com uma bolsa para tradutores estrangeiros do Centre National du Livre. Fui então convidado para fazer uma conferência na Aix-Marseille Université (então Université de Provence), e passei a ir regularmente a Aix-en-Provence como Professor Visitante para dar cursos de teoria de tradução e ministrar oficinas de tradução para alunos do curso de Licenciatura em estudos luso-brasileiros, de um lado, e, de outro, para alunos de Master e de Doutorado, envolvendo também os alunos de literatura comparada. Formalizamos desde então um convênio, já duas vezes renovado, já tivemos dois alunos de doutorado em cotutela, já coorientei uma aluna de Master por lá. Alunos da graduação brasileiros e franceses também já desfrutaram da mobilidade. Estive lá pela última vez neste ano de 2020, no âmbito do Programa CAPES-PrInt, para renovar o acordo. Ministrei duas conferências, ofereci uma oficina de tradução, estamos trabalhando numa nova cotutela. Tenho tido também uma boa experiência nos últimos anos com a Université Polytechnique Hauts-de France (até 2018 Université de Valenciennes), na Normandia, onde já estive 3 vezes nos últimos 5 anos. Creio que com universidades do interior o interesse do intercâmbio com o Brasil é mais efetivo e tem sido assim bastante enriquecedor. Além disso, voltei ao CITL 5 ou 6 vezes, duas delas para participar

como “tutor” do programa “Fabrique des traducteurs”, que seleciona projetos de jovens tradutores franceses e estrangeiros para serem desenvolvidos na residência sob o acompanhamento de uma dupla de “tradutores experientes”, um francês e um estrangeiro, uma experiência riquíssima.

Você é editor da *Alea*, uma das mais importantes revistas de estudos literários do país, desde 1999. Como você considera sua atuação como editor? Em que medida você acha que contribuiu para renovar os estudos literários no país? Como você situa a *Alea* em relação a outras revistas similares no Brasil e no mundo? Em relação ao público leitor da *Alea*, nacional e internacional, ele se manteve constante ou foi mudando ao longo dos anos? Em relação aos autores, os colaboradores da *Alea* correspondem ao imaginado? Você adotou alguma política, em algum momento, para atrair certo tipo de colaboradores?

Creio que, em certo sentido, a *Alea* é uma revista única na área de Letras. Não conheço nenhuma outra que esteja sendo publicada há tanto tempo (22 anos) sem jamais ter perdido a periodicidade. Creio que o que faltava em nossa área era a própria cultura do editor de periódicos. Na verdade, em nossa cultura predominantemente livresca (não apenas no Brasil, mas acho que no mundo inteiro), havia pouco espaço para a cultura da submissão de artigos e da avaliação real entre pares, nossos pesquisadores de prestígio ainda esperavam ser convidados, não “submetiam” artigos... É claro que isso não mudou inteiramente, mas ter cada vez mais periódicos sérios e de qualidade contribuiu para uma transformação da relação com os periódicos, e acho que a *Alea* teve um papel importante nesse processo.

Ao longo destes anos fomos cada vez mais nos internacionalizando. A indexação pela Scielo ajuda e os convites feitos por outras plataformas de prestígio ampliaram a visibilidade da revista, que tem cada vez mais números com editores convidados de outras universidades brasileiras e estrangeiras. Mas sempre sob a tutela de editores fixos. Hoje publicamos três volumes por ano, dois temáticos e um livre, publicamos artigos em outras línguas (que não apenas o inglês). Já publicamos até mesmo um volume sobre a literatura romena, com um dossiê bilíngue de poesia...

Você tem traduzido regularmente ao longo de toda a sua carreira. Como você caracterizaria sua produção de tradutor?

Na verdade sempre traduzi muito mais informalmente do que formalmente. No sentido de que, trabalhando com uma literatura estrangeira, há quase 40 anos que traduzo todos os dias para ler e discutir, para dar aulas, para escrever ensaios. E aqui e ali fui publicando alguma coisa de modo diletante ou por demandas específicas. Assim, traduzi, por exemplo, ao longo dos anos, inúmeros textos – poemas, sobretudo – para revistas literárias, de um lado, e ensaios críticos ou literários, ou nas áreas de psicanálise e filosofia, especialmente, para revistas ou livros. A primeira vez que traduzi um livro inteiro foi por um convite inesperado de uma editora comercial, em 2005, *Por uma moral da ambiguidade*, de Simone de Beauvoir. A partir desse livro passei a receber muitos convites, sobretudo para ensaios na área de humanidades, mas sempre aceitei bissextamente, pois prefiro me dedicar a projetos que envolvam mais diretamente meu próprio trabalho de pesquisa. Nesse caso, já traduzi autores como Georges Bataille, Jean-Luc Nancy, Philippe Lacoue-Labarthe, Georges Didi-Huberman, Jacques Derrida... Mais recentemente, Marielle Macé e Jean-Cristophe Bailly (este no prelo)

Você conseguiu colocar em circulação no cenário literário brasileiro alguns dos poetas que você tem traduzido?

Traduzi diversos poetas modernos e contemporâneos especialmente para revistas, como disse (por exemplo: Baudelaire, Rimbaud, Ponge, Roubaud, Gleize, Pennequin, Tarkos...). Creio que alguns destes, os contemporâneos em particular, começaram a circular aqui e ali em função especialmente do trabalho de ensino e orientação. Mas para responder à pergunta mais objetivamente, acho que o poeta que de certa forma pus de maneira mais consistente em circulação por aqui foi Christian Prigent, com cuja obra comecei a trabalhar em 2003 (primeiramente lendo e comentando em sala de aula seus ensaios, poemas e prosas). Traduzi-o, de fato, pela primeira a partir de um convite para participar de um colóquio sobre sua obra em Cerisy, na França, em 2014. Por encomenda dos organizadores do evento. O trabalho apresentado consistiu justamente em explicar para pesquisadores e poetas franceses (entre os quais o próprio autor) que não falam ou leem português o que a tradução fazia dele. A partir daí fiz um volume sobre ele a convite da

coleção “Ciranda da poesia”, em que a um ensaio de apresentação da obra seguia-se uma pequena antologia (Eduerj, 2015). Traduza ainda, com Inês Oseki-Depré, uma coletânea de ensaios (*Para que poetas ainda?*, Cultura e Barbárie, 2017), e fiz, a pedido da atriz e diretora de teatro Ana Kfoury uma versão para ser encenada de *Uma frase sobre minha mãe*, que acabou sendo publicada em 2019 em livro (7 Letras).

Como você caracterizaria sua contribuição como tradutor de poesia francesa no sistema literário brasileiro?

Acho que as respostas anteriores dão conta da pergunta. Sinto que, nesse sentido, minha contribuição é muito mais significativa como professor de literatura do que como tradutor.

Você traduziu, com revisão técnica de João Camilo Penna, o livro *Pensar em não ver*, de Jacques Derrida, um empreendimento internacional. Você poderia contar um pouco a história desse livro? Você parece ter checado cada texto, em várias línguas, nos mínimos detalhes...

Gostei muito de traduzir esse livro, mas o projeto teve um desfecho infeliz. Tratava-se da reunião em livro de ensaios sobre a pintura, o desenho, a fotografia, o cinema e o teatro produzidos por Derrida entre 1979 e 2004. Alguns deles, a maioria, haviam aparecido isoladamente em revistas francesas ou estrangeiras, ou em catálogos de exposição; havia também entrevistas e conferências, algumas delas mais ou menos precariamente transcritas sem nunca terem sido publicadas. Eram todos textos inéditos em livro, e a edição do conjunto estava sendo preparada em francês pela professora canadense Ginette Michaud, da Universidade de Montreal, por Joana Masó, professora da Universidade de Barcelona, e tradutora de coletâneas anteriores do filósofo para o espanhol, e por Javier Bassas, filósofo, tradutor e editor, também espanhol. A ideia era publicar o livro simultaneamente em francês, em português e em espanhol. Os textos chegaram em arquivos Word, parcamente editados, e comecei a traduzir fazendo muitas notas, algumas informativas, remetendo a questões do contexto cultural ou artístico do texto em questão, e várias notas de tradução, visando a explicitar um certo uso da língua por um pensador que explora tão intensamente a relação sempre mais ou menos tensa entre a materialidade da língua e seus efeitos de sentido, um autor que faz da língua, mais do que um meio, o próprio lugar do pensamento. Além, é claro, de retomar questões de tradução já evocadas por outros tradutores brasileiros de Derrida. Consultei especialmente traduções de alguns dos textos para o espanhol e para o inglês. Tive todo o apoio de João Camillo, que sugeriu ou mesmo redigiu algumas das notas, e do editor, que ficou bem satisfeito com o resultado. Quando o trabalho ficou pronto, os organizadores começaram a mandar arquivos com notas, muitas das quais duplicavam as que eu havia feito. Substituímos muitas das minhas, outras recompusemos, fizemos, enfim, o que nos pareceu mais adequado a um leitor brasileiro. Ocorreu, contudo, que, ao fim e ao cabo, os organizadores ficaram insatisfeitos com o que consideraram uma presença excessiva do tradutor na edição brasileira. E acabou se indispondo também com o editor, que publicou o livro sem submetê-lo ao seu crivo. Tudo isso acabou fazendo com que o livro, de 2013, tivesse se limitado à primeira edição. Uma pena.

Como você vê o trabalho intelectual em colaboração?

Especialmente no âmbito da tradução, acho que o trabalho a várias mãos é algo muito especial, que sempre contribui para melhorar os textos. Sabemos que nosso próprio olhar se desloca a cada vez que relemos um texto traduzido (qualquer texto, mas não é o caso de falar disso aqui...), e o olhar do outro necessariamente abre outras possibilidades que nos levam a retocar, a retraduzir... O único senão é que sabemos que jamais se chega a um consenso total, então sempre há que haver previamente estabelecido quem decide...

Qual a relação de sua pesquisa com colegas de francês, estudos literários, literatura comparada, teoria literária e estudos da tradução, de outras instituições do país e do exterior?

Sempre investi bastante nas relações e colaborações com colegas de outras instituições, no Rio de Janeiro, em outros estados e na França, por conta do meu trabalho mais específico com a literatura francesa. Organização de colóquios, participação em eventos, em bancas de trabalhos de conclusão e de concursos, oficinas de tradução, cursos a várias mãos. E mesmo na UFRJ, onde participei por dois anos da construção de um Programa de Pós-graduação interdisciplinar com

colegas das áreas de Artes Visuais, Artes Cênicas, Música, Filosofia, Comunicação, Psicologia e Letras. O Programa, por questões políticas, acabou não se institucionalizando. Mas as relações de trabalho permaneceram.

A partir de certo momento, você integra a tradução em sua pesquisa. Como é que isso se deu e quais as etapas que você atravessou? Você acompanha a bibliografia dos estudos da tradução?

Como disse acima, a tradução foi sempre um dado concreto do meu cotidiano. Estudando, preparando e dando aulas, escrevendo ensaios, há quase 40 anos estou sempre traduzindo. Quando passei a publicar traduções mais regularmente, comecei a receber convites para falar da questão. O primeiro deles foi na PGET/ UFSC, em 2005 ou 2006, lembro-me que dividi a mesa com Fernando Py, tradutor de Proust que faleceu há poucos dias. Um mundo novo realmente se descortinou para mim, pois comecei a elaborar e organizar muitas das intuições que permeavam meu trabalho entre línguas. Comecei, então, a interagir com pesquisadores dos estudos da tradução e ler de maneira mais sistemática a respeito. Passei a sistematizar mais o uso da tradução nas aulas de literatura, a tradução se tornou cada vez mais um ponto de partida para discutir e ler os textos em língua estrangeira. E, especialmente, comecei a fazer oficinas de tradução, trabalho que desenvolvi bastante também na França, como relatei acima. Procuro acompanhar a produção bibliográfica em torno dos estudos da tradução, mas confesso que me interesso muito especialmente pela atividade prática. Nesse sentido, aliás, assumi, em 2018, a coordenação do Núcleo de Tradução do Laboratório da Palavra, projeto de extensão desenvolvido na Faculdade de Letras da UFRJ. Tenho então promovido encontros, minicursos e oficinas de tradução envolvendo várias línguas. Ao longo de 2019, coordenei o trabalho de tradução coletiva do livro *Le Propre du langage. Voyages au pays des noms communs*, de Jean-Cristophe Bailly, que reúne 104 verbetes, na verdade 104 pequenos ensaios sobre palavras. A experiência envolveu cerca de 20 pessoas, entre colegas, pós-graduandos, estudantes de graduação e pesquisadores autônomos, e foi bastante interessante e saborosa. O livro será publicado em 2020 por uma editora carioca.

Você acha que a disciplina dos Estudos da Tradução trouxe alguma mudança no panorama das literaturas de língua francesa no Brasil?

Uma certa tradição beletrista até certo momento dominante no Brasil costumava desprezar a leitura de traduções no ensino de uma literatura estrangeira. Achava-se que só lia de fato um autor quem era capaz de lê-lo em sua língua, que as traduções eram necessariamente empobrecedoras. Creio que os Estudos da Tradução vieram mostrar, no âmbito dos estudos literários, que a reflexão sobre a tradução é, para início de conversa, um excelente recurso crítico, que só faz crescer a obra, para dizer com Walter Benjamin. O que se deve também, é claro, à qualidade cada vez maior das traduções. Uma coisa não vai sem a outra.

Em outubro de 2019, você assumiu a direção da Editora da UFRJ. Como você vê o papel das editoras universitárias, e da Editora da UFRJ em particular? Quais são os seus planos em termos de edição de textos traduzidos em relação aos Estudos Tradução, teoria literária, estudos francófonos? A Editora da UFRJ acaba de lançar uma série de editais, abertos a todos os pesquisadores brasileiros com doutorado, a apresentar um projeto de livro. Essa iniciativa me parece inédita na história da edição acadêmica brasileira. Como foi a tramitação dessa ação dentro da estrutura da Editora da UFRJ e como tem sido a recepção de colegas no Brasil e no exterior? A atuação via edital se assemelha às chamadas de artigos por parte de periódicos acadêmicos. Você, como editor, tem outras estratégias ou esta será “a” estratégia da Editora?

Assumi há pouco a direção da Editora, que já tem uma longa história (foi fundada em 1986), com um catálogo de mais de 500 livros que contempla todas as áreas do conhecimento. Uma história muito rica, que estou conhecendo aos poucos. Estou inclusive aproveitando o centenário da UFRJ, comemorado agora em 2020, para colocar em acesso aberto, no site da editora, livros que marcaram a história da Editora (projeto que chamamos de “100 anos, 100 livros”), promovendo debates em torno deles. O primeiro debate, realizado agora em maio, foi sobre *Ciência e liberdade. Escritos sobre ciência e educação no Brasil*, de José Leite Lopes, coletânea de ensaios escritos entre 1961 e 1998, um livro a meu ver emblemático do que pode e deve uma editora universitária, uma vez que se dirige tanto ao público universitário quanto à sociedade como um todo. Acho, em

suma, que uma editora universitária tem estes dois papéis fundamentais: o de pôr em circulação entre pares o conhecimento produzido na universidade (e aí incluiríamos publicações mais voltadas para pesquisadores e estudantes), de um lado, e, de outro, o de incluir a sociedade no debate de problemas públicos a partir desse conhecimento (e aí estariam as obras destinadas à divulgação científica). Alguns deles – parece-me que é o caso do livro de nosso grande cientista – cumprem estes dois papéis ao mesmo tempo.

Por ora não temos planos específicos para a área de Letras, mas um dos editais que abrimos é dedicado ao ensaio traduzido, destinado a todas as áreas do conhecimento. Acreditamos que em todos os domínios haja pesquisadores interessados em traduzir seja para seus pares seja para um público mais amplo. Para estimular publicações mais destinadas à divulgação científica, em formatos menores, criamos dois editais, com as coleções “Outros passos”, mais voltada para as Humanidades, e “Saberes do presente, cenários futuros”, de caráter multidisciplinar. Mantivemos um edital de formato livre, aberto a todas as áreas. Além de fomentar a tradução e a divulgação científica, pretendemos também assim organizar melhor o fluxo de produção da editora, que acabava sendo muito aleatório ao receber propostas de publicação em fluxo contínuo.

Como você vê a atuação das editoras universitárias no país e como elas poderão se comportar em um futuro de curto e longo prazo?

Acho que o que falta, de um modo geral, é estabelecer um diálogo maior com a sociedade. Nesse sentido, é preciso investir na produção de livros destinados a um público mais amplo, com formatos e preços acessíveis. E é claro, há a urgência de trabalhar melhor com o meio digital, tendência irreversível do nosso tempo.

Quais são os seus planos para a editora, especialmente em relação à tradução de autores estrangeiros?

Por ora, como relatado acima, estamos focando no ensaio e colocando essa responsabilidade nos pesquisadores. Mas é evidente que não se pode pensar a edição no mundo em que vivemos sem a perspectiva do diálogo com autores estrangeiros.

PRINCIPAIS PUBLICAÇÕES

LIVROS PUBLICADOS

A incerteza das formas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

O fracasso do poema. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

Língua contra língua. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

Sobre a forma, o poema e a tradução. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

Christian Prigent por Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Eduerj, 2015.

Poesia e interfaces: operações, composições, plasticidades. Bénédicte Gorrillot, Marcelo Jacques de Moraes, Masé Lemos e Paula Glenadel (org.). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

ARTIGOS PUBLICADOS EM PERIÓDICOS OU EM LIVROS (SELEÇÃO ÚLTIMOS 10 ANOS)

“De la fin et de l’infini: entre Michel Deguy et Charles Baudelaire, une communauté poétique pensive... résonnant jusqu’au Brésil”. *Traversées, revue littéraire. Poésies, études, nouvelles, chroniques*. Virton: Éditions Traversés, No 93, p. 58-84, automne 2019, ISSN 1371-8339.

“Sobre a mesa de mármore do café, uma iguaria canibal: perspectivas do olho, entre Walter Benjamin e Georges Bataille”. *ARS (São Paulo)*[online]. 2019, vol.17, n.36, pp. 57-78, 2019. ISSN 2178-0447.

“Mange-t-on une figue de paroles? Question (anthropophagique) posée à/avec Francis Ponge”. Em: *Francis Ponge, ateliers contemporains*. Actes du Colloque de Cerisy. Paris: Classiques Garniers,

2019.

“Ler, traduzir, anotar, editar: a preparação da edição brasileira de *Pensar em não ver*, de Jacques Derrida”. Em: Tradução: Limiares & Caminhos. Mayara Guimarães & Izabela Leal (org.). Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.

“Trou(v)er sa langue par la langue de l’autre: en traduisant Christian Prigent en brésilien”. Em: *Christian Prigent : trou(v)er sa langue*. Actes du Colloque de Cerisy. Paris: Éditions Hermann, 2017.

“Poesia, Língua comum?” Em: Marcos Siscar & Marcos Natali. *Margens da Democracia*. São Paulo/ Campinas; EDUSP/ Ed. UNICAMP, 2015, p. 81-108.

“Une pensée qui danse: de l’expérience du sens chez Philippe Beck”. Em: *Philippe Beck. Un chant objectif aujourd’hui*. Actes du Colloque de Cerisy. Paris: Éditions Corti, 2014.

“A experiência, em poesia e em tradução: partilha(s), lugar(es) comum(ns)”. Em: Walter Costa, Mayara Guimarães & Izabela Leal (org.). *No horizonte do provisório. Ensaios sobre tradução*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013, p. 77-84.

“A forma e o infinito, de Diderot a Baudelaire”. Em: *Teresa* (USP). São Paulo: Editora 34, vol.12-13, 2013, p. 373-383.

“Experiências: forma, tradução, poesia”. Em: *Experiência e arte contemporânea*. Rio de Janeiro: Circuito, 2012.

“Uma certa voz na poesia francesa contemporânea”. Em: *Anacronismos*. Ana Kiffer; Christophe Bident (org.). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

“Michel Deguy: reflexões sobre o fim”. Em: *Forma e sentido contemporâneo: poesia*. Gil Lopes; Antonio Cícero (org.). Rio de Janeiro: Eduerj, 2011.

“A tarefa do tradutor: entre textos e línguas”. Em: *A tradução de obras francesas no Brasil*. Alvaro Faleiros; Adriana Zavaglia; Alain Mouzat (org.). São Paulo: Annablume/ Fapesp, 2011.

“Le traducteur et ses affects”. Em: *Traduire le même, l’autre et le soi*. Francesca Manzari; Fridun Rinner (org.). Aix-en-Provence: Presses Universitaires de Provence, 2011.

“Sobre a violência da relação tradutória”. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, volume 19, São Paulo, 2011.

“Gleize sort”. Em: *Jean-Marie Gleize. La poésie n’est pas une solution. Faire part. Revue littéraire*, no 26/27. Alain Chanéac (ed). Le Cheylard, abril 2010.

“Communauté poétique dans la poésie française moderne et contemporaine”. Em: *Les désaccords du temps. Brésil, France*. Christophe Bident, Ana Kiffer (org.). Paris: Université Paris Diderot - Paris 7, 2010.

“Vivre entre langues: langue, lieu/ traduction de l’expérience”. *Plural Pluriel - revue des cultures de langue portugaise*, n°7, automne-hiver 2010.

LIVROS TRADUZIDOS (SELEÇÃO ÚLTIMOS 10 ANOS)

Uma frase para minha mãe. Christian Prigent. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019.

Siderar, considerar. Migrantes: formas de vida. Marielle Macé. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

Documents. Georges Bataille. Trad. e org. em colaboração com João Camillo Penna. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

Para que poetas ainda? Christian Prigent. Trad. e org. em colaboração com Inês Oseki-Dépré. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2017.

Musica Ficta. Philippe Lacoue-Labarthe. Trad. em colaboração com Eduardo Jorge. Revisão técnica. Belo Horizonte: Relicário, 2016.

Semelhança informe. O gaio saber visual em Georges Bataille. Georges Didi-Huberman. Trad. em colaboração com Fernando Scheibe e Caio Meira. Revisão técnica. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

Algumas historietas ou pequeno elogio da anedota na literatura. Jacques Bonnet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

Deleuze e a psicanálise. Monique David-Ménard. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

Pensar em não ver. Escritos sobre as artes do visível (1979-2004). Jacques Derrida. Ginette Michaud, Joana Masó, Javier Bassas (org.). Florianópolis: ED. UFSC, 2013.

Foucault, seu pensamento, sua pessoa. Paul Veyne. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

No começo eram os deuses. Jean Bottéro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.